

SLAM DE POESIA: ORALITURA URBANA SUBALTERNA DE MULHERES NEGRAS

Beatriz Santos de Souza

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, Brasil
b272770@dac.unicamp.br

Eduardo Marandola Jr.

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Limeira, SP, Brasil
eduardo.marandola@fca.unicamp.br

RESUMO

O slam de poesia é um movimento poético que acontece em espaços urbanos onde sujeitos subalternizados — mulheres, negros, indígenas e periféricos — se expressam livremente. O trabalho tem como tema a narrativa de mulheres negras no movimento, objetivando discutir o slam enquanto oralidade urbana subalterna performado por mulheres negras na cidade. A metodologia abordada parte de uma leitura direcionada a geografias de raça e de gênero no espaço urbano a partir da discussão de sua distribuição geográfica no país e do relato de experiência na batalha do Slam das Minas SP, como expressão de uma geografia íntima corporificada. Como resultado, problematiza-se como o slam é um fenômeno espacial de resistência e reivindicação de mulheres negras no espaço urbano expresso pela oralidade de corpos que carrega e atualizam heranças das tradições orais africanas.

Palavras-chave: Gênero. Raça. Cidade. Oralidade. Corporeidade.

POETRY SLAM: SUBALTERN URBAN ORALITURE OF BLACK WOMEN

ABSTRACT

Poetry slam is a poetic movement that takes place in urban spaces where subalternized subjects — women, black people, indigenous people, and people from the outskirts — express themselves freely. The work focuses on the narrative of black women in the movement, aiming to discuss slam as a subaltern urban orality performed by black women in the city. The methodology used is based on a reading focused on geographies of race and gender in urban space based on the discussion of their geographic distribution in the country and the report of the experience in the battle of Slam das Minas SP, as an expression of an embodied intimate geography. As a result, it problematizes how slam is an embodied spatial phenomenon of resistance and demand by black women in urban space expressed by the orality of bodies that carry and update legacies of African oral traditions

Keywords: Gender. Race. City. Orality. Corporeality.

INTRODUÇÃO: CALIBRAGEM

Poetas que traduzem anseios, advinham desejos, imaginam mundos, criam palavras-antídoto para traumas, nomeiam sentimentos e escavam sorrisos em meio aos escombros. É assim que vão lidando consigo e com o mundo em que vivem, trazendo à tona não só suas histórias pessoais, mas fazendo com que vozes e narrativas ancestrais, intencionalmente silenciadas, sejam finalmente ouvidas (D'Alva, 2022 p.06).

Antes da batalha de poesia de slam começar o slammaster (aquele que coordena a batalha) convida algum slammer (poeta de slam) para performar uma poesia que vai calibrar a percepção dos jurados e da plateia e prepara-los para a batalha. Esta introdução, então, é o movimento de calibragem do nosso texto. A epígrafe escolhida foi retirada do prefácio escrito por D'Alva (2022) no livro “Nos corre da poesia: autobiografia de um slammer”, do também poeta e slammer Emerson Alcalde (2022).

Final dos anos de 1980, Chicago, Estados Unidos, Marc Kelly Smith um trabalhador da construção civil e amante da poesia viu-se diante de um incômodo: a monotonia que envolvia a declamação poética nos ambientes literários. Depois de anos pensando em como criar um novo cenário poético atrativo, em 1986 no *Green Mill Jazz Club* surge o Grand Slam de Poesia e começa a trajetória de um movimento poético que hoje atinge o mundo (Alcalde, 2024).

Em resumo, o slam de poesia é um campeonato no qual se performam poesias autorais, com no máximo três minutos de duração, sem o uso de adereços, acessórios ou fundo de som. Um corpo de júri é formado pela plateia presente no dia da batalha para garantir a parcialidade na avaliação das performances. Alcalde (2024) explica que o slam só pode acontecer se existirem estas cinco funções: slammer – o poeta que compete; slammaster – apresentador; matemático; jurados e plateia.

Antes do slam chegar ao Brasil, a literatura periférica já fazia parte do cenário artístico e cultural da população principalmente no estado de São Paulo. Romance “Capão Pecado” do romancista Ferréz publicado em 2000 e o movimento de saraus literários a partir de 2005, marcado pelo protagonismo do Sarau da Cooperifa, foram os momentos que impulsionaram o surgimento do que hoje se entende por literatura periférica (Leite, 2014).

É a partir de 2008 que o slam surge no país com a criação do ZAP! Slam. Entretanto, Alcalde (2024) explica que à medida que ia avançando, o slam de poesia ia se apropriando de outras características que tornariam cada grupo de singular. Seja o tempo de declamação, nome do grupo atrelado ao lugar de origem ou à situação na qual o grupo surgiu, valor das pontuações, entre outros elementos. Quando criou o slam e suas regras, Marc Smith deixou livre para aqueles que desejarem criar seus próprios grupos, se sintam a vontade em usar da criatividade para readaptar ou criar regras. O slam tem como ponto principal celebrar a poesia e expressar-se em comunidade (Somers-Willett, 2009).

O slam brasileiro, apropriou-se de outras características que extrapolam o lado técnico que o envolvem:

O Slam de Poesia é um galho de uma grande árvore chamada Poesia Falada que por sua vez é conectada a uma raiz – oralidade com ligações e ramos ancestrais. Declamar um poema é uma busca das raízes desta grande árvore e ouvir é um debruçar-se sobre sua sombra refrescando as ideias e pensando livremente conectando-se com suas origens (Alcalde, 2024, p. 12).

A característica que Alcalde enfatiza está muito relacionada à própria tradição oral. Presente em diferentes povos como os de origem africanos e de diferentes povos indígenas da Abya Yala, no presente texto nos debruçaremos a elementos da oralidade africana presentes no slam. No texto “Filosofia da oralidade: contribuições da tradição oral para filosofia africana e afrodiáspórica”, o professor Antonio Filogenio de Paula Junior (2020) nos conduz em um caminho para entender a relevância da oralidade e como essa pode contribuir para uma filosofia da oralidade. Uma filosofia que tende a desconstruir o modelo de pensamento criado pela modernidade, no qual apenas determinadas racionalidades e forma de organização são válidas (Paula Junior, 2020).

Na tradição oral encontra-se um relevante repositório dos saberes herdados e reconstituídos dos legados civilizatórios de povos e culturas milenares, o que já remete a uma anterioridade histórica que precisa ser reconhecida como um lugar de enunciação e anunciação que continua se expressando diante das mononarrativas estabelecidas pelo ocidente no propósito de dominação [...] (Paula Junior, 2020, p. 324).

Essas mononarrativas apontadas por Paula Junior (2020), são as narrativas oriundas da colonização que resultaram em discursos de superioridade. É diante desse contexto que se “[...] desconsidera a constituição cultural da oralidade africana, portanto, não reconhece os grupos étnicos africanos como agentes ativos na estruturação de suas narrativas expressas por meio da cultura (Paula Junior, 2020, p. 327). Com o processo de coisificação dos povos africanos, a tradição oral passa a ser resistência e também um alinhamento com a história:

É nesse contexto depreciador e destruidor que as tradições orais de diversos grupos africanos foram sendo preservadas e reconstituídas como **práxis** de resistência à escravidão tanto na África como na diáspora. A tradição oral é uma das maneiras como os escravizados mantiveram-se alinhados a sua história, a suas respectivas civilizações e com as ancestralidades que constituíram os diferentes grupos étnicos (Paula Junior, 2020, p. 328, destaque no original).

Desde o século XVI, explica Paula Junior (2020), com a vinda dos africanos, heranças milenares dos diferentes grupos étnicos foram sendo inseridas no Brasil. É via oralidade que a cultura de matriz africana constrói a cultura afro-brasileira: quilombos e casas-terreiro são exemplos de como essa herança se faz presente no país. Juntamente da matriz indígena, a oralidade africana se tornou uma das principais identificações da cultura nacional (Paula Junior, 2020).

A diáspora em si é um lugar de ausências, mas também de releituras que possibilitarão outros pertencimentos. Por isso se pensar nas resistências negras localizadas em diferentes lugares das Américas e os diferentes modos de sua representação, em especial no Brasil (Paula Junior, 2020, p. 349).

É a partir da tradição oral africana, enquanto resistência e alinhamento com história que pensamos no peso da oralidade presente no slam. Além de um momento no qual se celebra a poesia é também o momento de reivindicações e rememorações. Os slammers podem ser lidos como os *griot* - exemplos de transmissores da tradição oral – que levam, via poesia, narrativas de vida. Podendo ser entendida como o conhecimento estruturado (Paula Junior, 2020), a palavra falada é capaz de transmitir saberes diversos. Acreditamos ser o slam, por meio da palavra performada, uma das possibilidades dessa transmissão.

Palavra e memória, características existentes no slam. A performance do poeta é o que entrelaça os dois. Indo além da oralidade, o slam pode ser entendido como uma oralitura. Desenvolvida pela poeta, ensaísta, dramaturga e atualmente professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Leda Maria Martins, oralitura “[...] é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo” (Martins, 2003, p. 77).

Pensando a oralitura a partir dos rituais afro-brasileiros, como as congadas, Martins (2003) comenta que a memória tem na escrita um de seus lugares de reconhecimento. Porém, a memória nos remete a várias grafias além da propriamente escrita, sendo o corpo e a voz algumas delas. A autora defende que pela oralitura a palavra não se petrifica em arquivos, mas se faz movimento dinâmico.

Sendo assim, estar diante de uma performance no slam é presenciar a grafia sendo feita. É experienciar a memória de um sujeito enquanto palavra-voz-movimento. A poesia, por alguns minutos, descola-se do papel e ecoa pela performance do poeta. Ao retornarmos no trecho: “É assim que vão lidando consigo e com o mundo em que vivem, trazendo à tona não só suas histórias pessoais, mas fazendo com que vozes e narrativas ancestrais, intencionalmente silenciadas, sejam finalmente ouvidas. (D’Alva, 2022, p. 06) A slammer encerra a afirmação enfatizando que as vozes que soam no slam eram antes silenciadas. Essa característica, das narrativas antes silenciadas que hoje ecoam via slam, nos levam a pensar na questão do sujeito subalternizado.

Nos anos de 1980 a escritora Gayatri Chakravorty Spivak (2010) defendeu em seu livro “Pode o Subalterno Falar?” que o sujeito subalterno surge dentro da economia discursiva dominante. Spivak (2010) apresenta o sujeito colonial, aquele que é afetado pela colonização e sofre a violência epistêmica, como um sujeito subalterno. Ela vai além quando afirma: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (Spivak, 2010, p. 67). A escritora, para justificar essa afirmativa, discute o caso das viúvas indianas com o Sati, antiga prática Hindu no qual a viúva é levada a sacrificar-se (queimada viva) na pira funerária do marido.

Nas páginas finais do seu livro, Spivak (2010) responde à pergunta que dá nome à obra concluindo que não, o subalterno não pode falar e que no caso das mulheres, não lhe é atribuído valor nenhum. Entretanto, hoje acreditamos que, diante de cenários como o slam de poesia, por exemplo, a questão não seria mais se o subalterno pode falar, mas quem está falando hoje e como esse sujeito fala.

No texto “O que fazemos com a subalternidade” de Maurício Matos dos Santos Pereira (2015) a pergunta levantada pelo autor é exatamente a de quem e como está falando hoje. Em um cenário de múltiplos discursos, Pereira (2015) nos indaga a pensar subalternidade como diferença, um múltiplo e ao mesmo tempo singular:

O subalterno é este múltiplo singular, visto apenas pelo que se coloca na experiência do fora de si, no mundo; seu posicionamento diante da complexidade de forças com as quais entra em relação é seu movimento constitutivo, sua vontade de potência, sua singularidade histórica (Pereira, 2015, p. 44).

Produzido para ser invisível, o subalterno seria então uma fenda que se abre, uma ruptura. Por ainda experienciarmos sintomas coloniais oriundos de um projeto eurocentrado, podemos ler esses corpos como subalternizados. Afetados e marcados pela violência da colonialidade (Pinto; Oliveira, 2023). É nesse caminho que podemos pensar o slam como uma oralitura de subalternidades: mulheres, negros, indígenas, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, entre outros. Entre essa multiplicidade subalternizada, as mulheres negras possuem atualmente o protagonismo nos circuitos de slam.

Unindo dois eixos sociais de opressão, gênero e raça, as mulheres negras experiem duplamente a violência. A artista Jota Mombaça, em seu texto “O mundo é meu trauma” nos conta como os corpos negros são atravessados pela violência diante de um mundo no qual o desejo de extermínio é alto:

[...] Somos simultaneamente tornadas incógnitas
E levadas a lutar pela linguagem. [...]

[...] Em homenagem a Conceição Evaristo, a gente

Combinamos de não morrer. Precisávamos também
Que eles tivessem combinado de não nos matar. [...]

[...] Estamos sós na dor de nossas posições. [...]

[...] Mas quando um corpo negro para de funcionar,
Quem ou o que pode ampará-lo? [...]

[...] Quanto tempo leva para sermos apagadas,
Depois que as palavras, linguagens e os gestos
Deixam de fazer qualquer sentido?

O que sobra de um corpo negro, quando ele próprio
Consente perder a batalha conta o mundo? (Mombaça, 2021, p. 28-34).

As palavras de Mombaça (2021) refletem a narrativa de uma existência que é constantemente ameaçada e direcionada ao silêncio. Uma existência subalternizada. A luta constante pelo direito de existir se une a de poder registrar-se pela linguagem. Tornar-se visível. Para às mulheres negras, a poesia de slam pode ser tida como um ato de reivindicação poética contra as ameaças diárias. Diferente do slam nos Estados Unidos que ocorre em bares e ambientes fechados, Alcalde (2024) afirma que o slam brasileiro foi um dos primeiros a levar o movimento poético para as ruas, praças e estações de metrô das cidades. Apesar de ser o cenário dessa arte, a arquiteta e urbanista Joice Berth (2023) em “Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades” pontua que “A configuração das cidades está permeada por símbolos que estimulam o individualismo e reafirmam a continuidade das supremacias e hierarquias sociais” (Berth, 2023, p. 13).

Berth (2023) afirma ainda que a cidade vai dizer muito acerca da sociedade que ali vive. Sendo o Brasil marcado por um passado colonial de extermínio e escravização de povos indígenas e negros, a mulher tida como ser inferior ao sujeito masculino e que dependendo de sua classe social, gênero e raça, as oportunidades não serão as mesmas, podemos pensar que as cidades brasileiras refletem esses contextos.

Sendo assim, o slam, podemos pensar, vem como uma rasura que busca romper as hierarquias sociais que circundam a cidade e levando a arte urbana a lugares fora do centro.

Mesmo presente no espaço urbano, o corpo também é uma escala de leitura do slam de poesia. As notas de Adrienne Rich – poeta e professora feminista estadunidense – em “Notes toward a Politics of Locations” (1986) são interessantes para embasar esse entendimento.

Ao tratar de uma política de localização no que tange as experiências das mulheres, Rich (1986) propõe que pensemos a partir da escala do corpo, o que ela nomeia por geografia mais próxima. Ou também uma geografia íntima (Johnston; Longhurst, 2023). Pensar o corpo enquanto uma escala é também considerar suas especificidades, pois se pensa em “meu corpo”, como explica Rich (1986, p. 215), mergulho “[...] na experiência vivida, na particularidade: vejo cicatrizes, desfigurações, descolorações, danos, perdas, bem como o que me agrada”¹. É situar-se pelo corpo.

As narrativas poéticas das mulheres negras no slam evocam essa experiência vivia e particularidade corpórea. É sob a ótica da corporeidade íntima que também direcionaremos nossa leitura, entendendo o corpo enquanto dimensão espacial.

Todo esse movimento de calibragem serviu para pensar o slam como uma oralitura urbana subalterna, sendo em nosso caso as mulheres negras as sujeitas a serem focalizadas. É diante disso que lançamos a pergunta que vai nortear o desenvolvimento do presente texto: Como o slam, enquanto oralitura urbana subalterna, é performado pelas mulheres negras na cidade?

No intuito de chegar em alguma resposta, nas próximas seções para entendermos as relações entre o urbano e gênero trataremos sobre a relação mulheres negras e cidade; para compreender melhor o surgimento e desenvolvimento do movimento, apresentaremos uma espacialização do slam no Brasil para entendermos o momento no qual as mulheres assumiram o protagonismo do circuito. Por fim, para pensar

¹ Tradução livre no original: [...] into lived experience, particularity: I see scars, disfigurements, discolorations, damages, losses, as well as what pleases me.

a prática do slam de mulheres negras enquanto uma oralitura urbana subalterna, adentraremos na experiência na batalha do Slam das Minas SP, realizada nos dia 23 de agosto de 2024. Calibragem feita é dado o momento de prosseguirmos.

DE QUEM É A CIDADE?

A cidade foi criada para apoiar e facilitar os papéis tradicionais de gênero masculino e estabelecendo as experiências dos homens como “regra”, com pouca consideração de como a cidade cria bloqueios para mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana. Isso é o que quero dizer com “cidade dos homens” (Kern, 2021, p. 19).

Como apontado pela geógrafa Leslie Kern (2021), as mulheres eram tidas como um problema para a cidade moderna. A epígrafe acima, retirada de sua obra “Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens” contextualiza, no cenário britânico, a cidade vivenciada pelas mulheres, mas que não é pensada para elas. Quando Joice Berth (2023, p.157), no contexto brasileiro, frisa que, “As mulheres habitantes das cidades partilham da experiência de ser um corpo estranho, indesejado, invadido e apto a ser cerceado e limitado”, podemos pensar como o estar na cidade, para as mulheres, pode ser um desafio cotidiano.

Tomando como contexto a Revolução Industrial, Kern (2021) explica que o momento foi caótico pois, uma mulher transitando na rua estava sob o risco de ser confundida com uma “mulher pública”. O que para a época era ruim tendo em vista as normas sociais da era vitoriana que almejavam proteger as mulheres brancas de classe alta. Essa espécie de liberdade no ir e vir, tornou-se um tipo de pânico moral sendo a prostituição considerada o maior mal existente.

Contudo, a discussão feita por Valerie Preston e Ebru Ustundag (2005) acerca das várias vozes e significados da cidade, nos contextos europeu e norte-americano, demonstra o quanto a vida diária das mulheres vai sendo moldada pela cidade vivenciada, retratada na mídia e àquela de sua imaginação. Suas atividades diárias exercem influências na cidade, pois “Em cada local urbano, as mulheres reconstruemativamente os seus ambientes cotidianos, muitas vezes lutando contra grandes dificuldades para melhorar as suas próprias vidas e as dos seus agregados familiares e comunidades”² (Preston; Ustundag, 2005, p. 211).

Os homens sempre estiveram associados ao ambiente público, aquele das esferas produtivas que incluem o trabalho remunerado, enquanto as mulheres estiveram associadas ao ambiente privado, da esfera reprodutiva, limitando-as ao ambiente da casa (Preston; Ustundag, 2005). A partir do momento que elas saem da restrição do lar e passam a atuar no ambiente público, precisam lidar com a coordenação da dupla responsabilidade: trabalho-casa. O que conhecemos por dupla jornada de trabalho.

Faz-se necessário lembrar que existe uma multiplicidade de corpos os quais nomeamos como mulheres. Todo esse cuidado moral e preocupação com a reputação envolvia um grupo específico de mulheres: brancas da classe média alta. Porém, havia outros grupos não incluídos nesse rol de preocupações e que sua existência na transformação urbana era vista como ameaçadora, como é o caso das mulheres negras por exemplo.

Por volta das décadas de 1970 e 1980, em Londres, houve a circulação do estereótipo racista da “rainha do bem-estar” atrelado às mulheres negras. Isso fez surgir diferentes pânicos morais relacionados “[...] à gravidez na adolescência, com suas suposições de que as mães adolescentes irão se juntar às ditas rainhas do bem-estar social e produzir filhos pré-dispostos ao crime” (Kern, 2021, p. 18). Lorena Francisco de Souza e Alecsandro Ratts (2008) explicam que durante a história ocidental, as mulheres negras estavam em uma posição desfavorável dentro do mercado de trabalho e assim lhes foram designados espaços sociais demarcados como a casa dos senhores/patrões. No caso do Brasil, a mulher negra teve sua representação oriunda de todo um processo de colonização:

No Brasil-Colônia, a função da “mulher de cor” se restringia ao trabalho na lavoura, aos afazeres domésticos, à manutenção da cozinha e bem-estar da “sinhá”, como ama ou mãe preta, além de objeto sexual dos senhores de escravos, salvo algumas exceções de escravas libertas, mucamas e vendedoras (Souza; Ratts, 2008, p. 151).

Os resquícios desse período ainda persistem por meio da colonialidade:

² Tradução livre no original: In each urban place, women actively reconstruct their everyday environments often struggling against long odds to improve their own lives and those of their households and communities.

[...] um padrão de poder que articula diversas dimensões de existência social. Trabalho, subjetividade, autoridade, sexualidade, cultura, identidade, entre outras, são todas dimensões constituintes das experiências sociais de indivíduos e grupos, são constitutivas de um pacote de múltiplas relações de poder que, imbricadas, constituem a colonialidade (Santos, 2016, p. 96).

Ainda é comum a reprodução do discurso no qual a cozinha e o trabalho doméstico são ambientes para as mulheres negras. Eis o critério racial enquanto mecanismo de seleção abordado por Beatriz Nascimento (1976), no qual as pessoas negras são designadas aos lugares mais baixos na hierarquia por meio da discriminação. Às mulheres brancas o papel de esposa e mãe dedicada à família e para as mulheres negras, o papel de essencialmente produtora e fornecedora de mão-de-obra (Nascimento, 1976). Diante disso podemos afirmar que a mulher negra sempre esteve atuando na cidade, expondo-se e vivenciado uma outra cidade, a do medo.

Tovi Fenster (2005) ao tratar do pertencimento das mulheres na cidade e sobre o caminhar, a partir de dois casos em Londres e Jerusalém, afirma que “Esse ato diário de caminhar pela cidade é o que marca a territorialização e apropriação e os significados dados a um espaço” (Fenster, 2005, p. 243).³

O corriqueiro ir-e-vir pode significar um momento de perigo e vulnerabilidade às mulheres. O medo limita o uso da cidade, molda as escolhas acerca do mercado de trabalho e demais oportunidades e ao assumir uma lógica geográfica as mulheres passam a evitar lugares em vez de pessoas:

Mas, uma vez que temos muito pouco controle sobre a presença de homens em nossos ambientes, e não podemos funcionar em um estado de medo constante, deslocamos parte do nosso medo para os espaços: ruas, plataformas de metrô, calçadas escuras da cidade (Kern, 2021, p. 200).

Esse medo dos espaços é ligado ao que Kern (2021) chama de mapas mentais pessoais de segurança e medo. São uma colagem viva formada a partir de nossas cidades, bairros ou rotas de viagens. As diferentes experiências cotidianas de perigo e assédio, além da influência da mídia, vão alterando esse mapa que é dinâmico. Por exemplo: se uma mulher que todos os dias, ao ir para o trabalho, passar por determinada rua e em um certo dia vivencia um assédio, a partir daquele dia seu mapa mental pessoal do medo será alterado. Essa mulher passará a evitar essa rua ou até mesmo excluí-la de suas rotas pessoais. Essa reflexão nos faz pensar a afirmativa de Joice Berth sobre a cidade, no contexto brasileiro, ser um ambiente que não tolera as mulheres:

É extremamente perigoso viver em um espaço que não nos tolera ou não nos aceita sem a percepção de que isso acontece, pois ficamos sujeitas a entender as violências e os abusos como se fossem motivados por nós e não impostos pela condição social que nos caracteriza (Berth, 2023, p. 160).

Todo esse medo impede que a mobilidade e o próprio habitar a cidade, pelas mulheres, sejam realizados de maneira plena e completa, podendo gerar um desgaste psicológico em saber se as consequências das escolhas no ir e vir serão culpa sua ou não (Fenster, 2005; Kern, 2021). Eis o custo do medo. Pensando na vivência da mulher negra, esse medo adquire outras camadas.

O trabalho de Lélia Gonzales (1984) é importante para essa reflexão ao tratar do que ela chama de violência simbólica espacial da mulher negra, a qual não apenas envolve o seu gênero como também sua cor e classe. Ela nos dá o exemplo do endeusamento que a mulher negra recebe durante o rito carnavalesco: “Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do Asfalto, adorada, desejada devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (Gonzales, 1984, p. 228). Contrapondo, ela comenta sobre o cotidiano, no qual essa mesma mulher se transfigura na empregada doméstica: “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzales, 1984, p. 230).

Apesar de Gonzales (1984) apontar o carnaval como o único momento no qual a mulher negra deixa o papel de empregada doméstica e passa a ser desejada, esse olhar que devora também vai existir em seu cotidiano no seu próprio ir e vir pela cidade que tem sido “[...] concebida e organizada na lógica masculina e branca, portanto, machista e racista, que discrimina e pune duplamente a mulher negra que vive nas periferias urbanas e, assim, não contempla a diversidade que ela contém” (Garcia, 2012, p. 158). O medo vivido nas cidades pela mulher negra, abrange o trio de opressão: gênero, raça e classe:

³ Tradução livre no original: This everyday act of walking in the city is what marks territorialization and appropriation and the meanings given to a space.

[...] a mulher negra é um exemplo que se distancia do modo como a mulher branca é tratada no espaço público. Mulheres negras não são vistas como corporeidades deslocadas do seu **lugar natural**, são vistas como os serviços do homem branco e de sua estrutura de exploração, em que o homem negro como masculinidade não hegemônica também faz parte. São duas subalternidades que são toleradas no espaço físico, já que possuem um lugar nessa estrutura: o lugar do trabalho braçal (Berth, 2023, p. 185, destaque no original).

Quando falamos em mobilidade das mulheres pela cidade, devemos lembrar que as mulheres negras sempre estiveram transitando pelo espaço público. Porém esse trânsito acontece por uma certa permissão que faz subentender que a função da mulher negra é o de servir (Berth, 2023). A cidade do medo é experienciada pelas mulheres em sua pluralidade, mas arriscamos dizer que a mulher negra, por conta dos marcadores de gênero, raça e classe, sempre experienciou essa cidade com uma maior intensidade.

Um detalhe que pode passar desapercebido diz respeito ao desafio diário de seus medos e uma ação corajosa, empoderada e libertadora das mulheres nas cidades (Kern, 2021). Isso faz com que seja vivida uma cidade do protesto, apesar da tentativa de ensiná-las a viver na passividade:

E as mulheres são ensinadas a ignorar seu instinto, seu coração e sua mente em tantas ocasiões. Somos ensinadas a ser boas e não provocar conflitos. E muitas vezes acreditamos que agir bem nos protegerá de ameaças, porque vimos como o abuso aumenta quando as mulheres dizem não, ignoram os homens, ou saem de uma situação desconfortável (Kern, 2021, p. 214).

A cidade tem sido um dos principais cenários ativistas das mulheres. É onde elas desafiam a passividade a qual foram ensinadas a seguir. O lugar para serem ouvidas. Sua mobilização no ambiente urbano se torna uma resposta “[...] às geografias ‘naturalizadas’ da cultura do estupro” (Kern, 2021, p. 171) por exemplo.

O ativismo urbano das mulheres pode assumir diferentes formas, como por exemplo a forma de protesto coletivo. O ativismo coletivo das mulheres negras pode ser enquadrado nessa categoria:

[...] o corpo negro feminino é a expressão histórica das desigualdades espaço-temporais e poderá ser através das ações de um coletivo feminista negro que as condições de reprodução da vida serão visadas e caminhos para a emancipação poderão ser pensados a partir da relação individual-coletivo, ou seja, da troca de experiências que são repetitivamente contadas e percebidas como padrão (Santos, 2021, p. 361-362).

As mulheres negras são submetidas a uma tripla discriminação, isso sempre as levou a participar de lutas libertárias (Garcia, 2012). Como explica Santos (2021, p. 358), as práticas sociais envolvendo mulheres negras vai confirmar toda a luta cotidiana enfrentada, pois elas “[...] têm uma posição onipresente no cruzamento das opressões o que permite que tenham importante papel político nas reivindicações da vida.”

Quando filósofa Sueli Carneiro (2011), no artigo “Construindo cumplicidades” vai comentar que em momentos de militância, no começo dos anos 2000 (período no qual ela escreve o artigo), as mulheres negras ainda tinham suas demandas secundarizadas. O movimento feminista brasileiro seguia não reconhecendo a dimensão racial dentro da questão de gênero. Mesmo dentro de um movimento que, a priori, deveria contemplar suas demandas, as mulheres negras estavam diante da marginalização e da exclusão.

É Experienciando a marginalização e a exclusão, que as mulheres negras adquirem impulso para uma mobilização política e a reivindicação pelo uso da cidade. É então “Dessa perspectiva, essa coisa que empodera mulheres negras em movimentos de base relacionados a questões de sobrevivência é as experiências que elas trazem, o que elas sabem sobre a vida e o lugar que ocupam no mundo” (Perry, 2012, p. 196). Um dos caminhos possíveis para esse entendimento de qual lugar ocupam no mundo, enquanto empoderamento de mulheres negras que habitam a cidade é via narrativa oral:

[...] uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento e para estreitar relações entre sujeitos e grupo e é a partir disso que mulheres se reconhecerão como semelhantes, porém únicas, com histórias parecidas e com demandas de vida que são as mesmas (Santos, 2021, p. 362).

Entre as várias possibilidades de usar a narrativa no ativismo de mulheres negras, as batalhas de slam, como meio de denunciar sua condição, são um exemplo. A arte “[...] não é apenas algo produzido para ser apreciado. No decorrer da nossa história, a arte serviu e serve como expressão subjetiva de

desconforto e mal-estar social" (Berth, 2023, p. 38). O slam é também esse movimento de expressão dos desconfortos e mal estar sociais experienciados pelas mulheres negras.

As cidades são os principais cenários atuais nos quais as experiências dos corpos negros femininos são narradas, por essa oralitura urbana subalterna. Poemas que abrangem vivências íntimas, mas que contemplam um coletivo. Realizadas em diferentes espaços da cidade, as batalhas de slam contemplam a manifestação poética de mulheres de negras como também se tornaram estratégias de reivindicação do direito à cidade e um lugar de celebração do amor à negritude.

SITUANDO O SLAM NO BRASIL: A COR E O GÊNERO DO MOVIMENTO

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (Anzaldúa, 2000, p. 234).

Publicado originalmente em 1981 e republicado em 2000, o ensaio "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo", da teórica feminista Glória Anzaldúa, surge como um chamado às mulheres negras que se permitam na escrita, rompam com rótulos e que desenterrem a voz que por tanto tempo foi soterrada. Ao mesmo tempo que significa medo, perigo por se desvelar via palavra, é sinônimo de resistir a um contexto que as coloca na subalternidade. Pensando o slam enquanto oralitura, devemos lembrar que essa grafia vai para além da escrita como também envolve a voz-corpo.

No Brasil, as batalhas de slam emergem como espaços de resistências de variados sujeitos subalternizados, sendo as principais mulheres, negras e moradoras das periferias (Pimentel, 2023). É um ato de transgressão que "[...] possibilita o movimento através do corpo da cidade e da sociedade, fomentando os deslocamentos e a vivência de ricas experiências de transcendência que desordenam um campo cultural tradicionalmente marcado pela exclusão e pelo elitismo" (Pimentel, 2023, p. 160-161).

O cenário das batalhas se constitui como ambiente possível para ecoar vozes que estavam "Cansadas de serem faladas, as mulheres, e particularmente as mulheres negras, assumem o risco de se situar em relação ao mundo e descrevê-lo no ambiente público a partir de suas experiências individuais e coletivas" (Pimentel, 2023, p. 164-165). Isso nos remete ao questionamento de Pereira, acerca da subalternidade, sobre quem fala hoje. E como uma espécie de resposta, as mulheres negras, via slam, adquiriram o protagonismo de suas próprias narrativas. Realizando uma contranarrativa de resistência via oralidade.

Inserido no Brasil em 2008 pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (Coletivo Paulistano de Teatro Hip-Hop) sob o comando da poeta e produtora Roberta Estrela D'Alva, o slam foi conquistando as classes mais populares que enxergaram no movimento poético uma oportunidade de unir arte e mobilização política:

Com temáticas normalmente associadas a questões sociais ou identitárias, que vão do empoderamento feminino ao racismo estrutural, do preconceito contra as periferias à dissidência sexual, essa nova poesia performática brasileira tem um perfil diferente daquele que se observa em outros países (Pimentel, 2023, p. 168).

[...] as edições de slam no Brasil são realizadas majoritariamente por pessoas negras, principalmente mulheres, não acadêmicas e pobres. Além disso, as poesias dos/das poetas versam sobre vidas marginalizadas, traduzindo experiências atravessadas por avenidas constitutivas com raça, classe, gênero e território (De Sá, 2021, p. 05).

Emerson Alcalde (2024) no livro "O que é slam de poesia" nos apresenta a história do slam no Brasil desde seu primeiro grupo, o ZAP! Slam (criado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos) até os frutos dessa mobilização com os slams interescolar (slams escolares que mobilizam crianças e adolescentes).

Fundado em 2008, na cidade de São Paulo, o ZAP! Slam plantou a semente do slam no Brasil. Alcalde (2024) explica que foram quatro anos existindo apenas esse grupo. Em 2012, diante da necessidade de um grupo que fomentasse o debate político pela literatura marginal na Zona Leste de São Paulo, já que na época o slam era concentrado na Zona Sul, cria-se o Slam da Guilhermina.

O Slam da Guilhermina, que realiza as batalhas na praça anexo da Estação de Metrô Guilhermina, inaugura uma nova característica do slam: acontecer na rua. Assim nos conta Alcalde (2024, p.33):

As nossas reuniões ocorriam em espaços fechados na favela da Santa Inês e precisávamos ir para um local onde mais pessoas pudessem saber das nossas lutas e somar a elas. Primeiro iríamos criar um sarau que nesta época bombava na cidade. Mas fui convencido pela Roberta e pelos demais parceiros da quebrada que seria mais interessante inovar criando um slam, como aquele que eu participava e eles viam por fotos, tá ligado? Criamos assim o segundo slam do país e o primeiro a ser feito na rua.

A partir daí o slam foi se multiplicando pela cidade de São Paulo e novas formas foram surgindo. Diversificando o tempo de performance de até três minutos, o Menor Slam do Mundo foi idealizado por Giovani Baffô para ter poemas de no máximo 10 segundos com um segundo de bônus. Realizado ao lado da saída da estação do metrô largo 13 e do Terminal de ônibus Santo Amaro, o Slam do 13 uniu o espaço público para as batalhas e os poemas reduzidos (13 segundos de poesia) na sua proposta (Alcalde, 2024).

Além do local e do tempo de performance, o Slam do 13 também inova com suas notas: ao invés de 0.0 a 10.0, as notas dos jurados vão de 0.0 a 13.0 e caso o poeta ultrapasse o tempo, a cada 13 segundos ultrapassados ele perde 1.3 pontos na nota final (Alcalde, 2024). Cada grupo vai criando uma identidade própria.

Os primeiros grupos criados estavam concentrados na cidade de São Paulo, mas com o passar dos anos, o movimento foi se expandindo pelo resto do estado chegando a nível nacional.

Nas páginas finais de seu livro, Alcalde (2024) lista os mais de 400 grupos de slams, ativos e inativos, separando por cada estado brasileiro. Apesar de ser um movimento consolidado no Brasil, os grupos de slams formados nem sempre permanecem ativos. A falta de fomento é um dos principais motivos, pois muitos dos poetas têm a poesia como profissão. Diante da quantidade de grupos listados, o movimento de saber quais estão ativos ou não precisaria de uma dedicação longa para buscar contatos, perfis de redes sociais entre outros caminhos. Além disso, contabilizar todos, inclusive os inativos, é uma maneira de reconhecer o papel de cada grupo na história do slam brasileiro. Não os contar iria contra o sentido de coletividade defendida pelo movimento. Acreditamos que o intuito de Alcalde (2024) em lista-los sem indicar quais estão ativos ou não, foi o de reforçar que todos fizeram e fazem parte da trajetória do slam no Brasil. Por esses motivos optamos por não apontar quais estão ativos e desconsiderar os inativos.

Na figura 1, podemos perceber que a Região Sudeste concentra a maior quantidade de grupos, seguida da Região Sul e Nordeste. Com quantidades próximas, as Regiões Centro Oeste e Norte apresentam uma densidade menor se comparadas com as demais. Relacionando com os últimos dados do Censo de 2022, a Região Sudeste contabilizou um total 84.840.113 de habitantes residentes, sendo a região no topo do ranking desenvolvido pelo Censo. Esse cenário muda nas demais regiões, se comparado às colocações dos grupos de slam, as Regiões Sul e Nordeste invertem: Nordeste em segundo com 54.658.515 habitantes e Sul em terceiro com 29.937.706. (IBGE, 2022) O mesmo acontece com o Centro Oeste e o Norte, pois nos dados do Censo Demográfico de 2022 em quarto está a Região Norte com 17.354.884 habitantes e em quinto a Região Centro Oeste com 16.289.538 habitantes (IBGE, 2023).

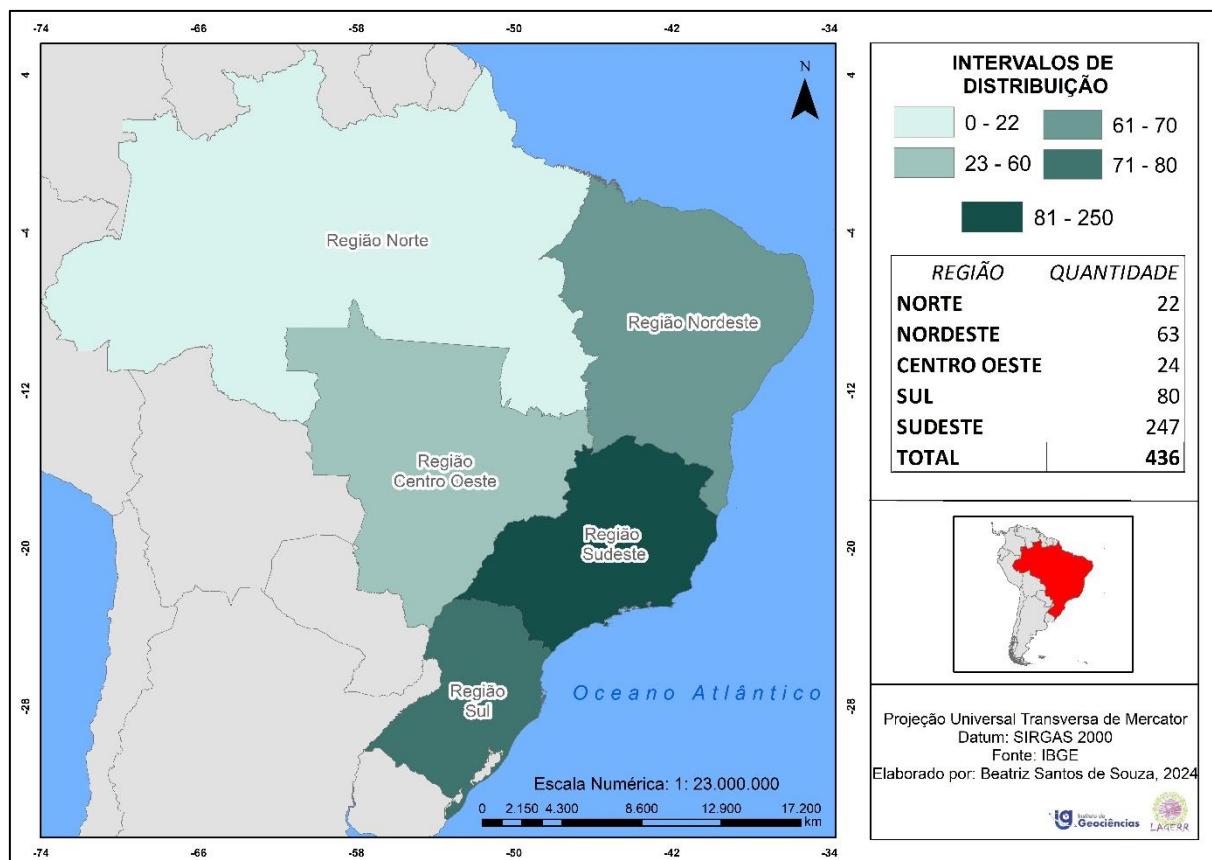
Alcalde (2024), ao nos contar a trajetória do slam no Brasil deixa claro que os primeiros anos do movimento poético foram concentrados na Região Sudeste. Isso explica o porquê dessa região apresentar um maior número na figura 1. No caso da Região Sul, ao lermos Alcalde (2024), entendemos que os primeiros grupos da região surgiram com a proposta de quebrar o estereótipo de que na região só existirem pessoas brancas e de classe média, além de reforçar que também existe a arte periférica. Não somente no sul do país, mas nas demais regiões do país, a mobilização do slam no Sudeste serviu de motor para que outros grupos fossem criados. Contudo, para além de fazer parte do circuito, o que se nota nos grupos de slam das regiões Nordeste, Centro Oeste e Norte é também o de descentralizar a arte periférica.

Fazer essa discussão somente a nível de região, não possibilita um entendimento mais detalhado de como esse movimento foi se dissipando. A figura 2, nos apresenta a mesma distribuição mapeada na figura 1, porém dividida por estados.

Ao colocar no mapa os grupos listados por Alcalde (2024) por estado, conseguimos entender o motivo da Região Sudeste, depois de 16 anos de slam no Brasil e toda a sua expansão, ainda concentrar o circuito. O estado de São Paulo, com seus 100 grupos contabilizados e o Rio de Janeiro com seus 85 grupos, acabam sendo os estados responsáveis pela concentração de grupos. Inclusive foram os primeiros a mobilizar o slam no país. Espírito Santos e Minas Gerais também apresentam um número de grupos significativo, o que cristaliza o protagonismo da região no circuito brasileiro de slam.

Trazendo os dados de população do Censo de 2022, São Paulo (44.411.238 habitantes), Minas Gerais (20.539.989 habitantes) e Rio de Janeiro (16.055.174 habitantes) estão ocupando os três primeiros lugares no ranking respectivamente (IBGE, 2022). Podemos perceber que a concentração de grupos de slam acompanha a concentração populacional.

Figura 1 - Grupos de Slams ativos e inativos no Brasil por Regiões



Elaboração: Souza, 2024.

Na Região Sul, os 46 grupos listados do Rio Grande do Sul e o valor significativo de grupos dos demais estados, explicam o porquê de a região seguir como a segunda maior no circuito. Trazendo os dados do Censo, o Paraná ocupa a quinta colocação com 11.444.380 habitantes, Rio Grande do Sul a sexta com 10.882.965 habitantes e Santa Catarina a décima com 7.610.361 habitantes (IBGE, 2022). Diferente da Região Sudeste, a concentração de grupos de slam não acompanha a concentração populacional, principalmente o caso do Paraná que apresenta menos grupos se comparado a Santa Catarina.

Segundo na Região Nordeste, os estados do Ceará, da Bahia e de Pernambuco, respectivamente, concentram as maiores quantidades de grupos de slam. Com exceção de Alcalde (2024) não apresenta grupos, os demais estados do Nordeste possuem pelo menos de dois à cinco grupos listados. Nos dados populacionais, os três estados representam justamente os estados com maior número populacional da Região Nordeste, porém em uma ordem diferente da concentração de grupos de slam: Bahia em quarto com 14.141.626 habitantes, Pernambuco em sétimo com 9.058.931 habitantes e Ceará em oitavo com 8.794.957 habitantes (IBGE, 2022). Mesmo sendo a segunda região com maior índice populacional, quando tratamos da concentração dos grupos de slam ela ocupa a terceira colocação.

No caso do Centro-Oeste, todos os seus três estados e o Distrito Federal possuem grupos de slam. Distrito Federal e Goiás, respectivamente, concentram os maiores números. Mesmo apresentando um maior quantitativo de grupos, comparado à Goiás, o Distrito Federal fica atrás do estado em relação à quantidade de habitantes. Goiás ocupa a décima primeira colocação com 7.056.495 habitantes e

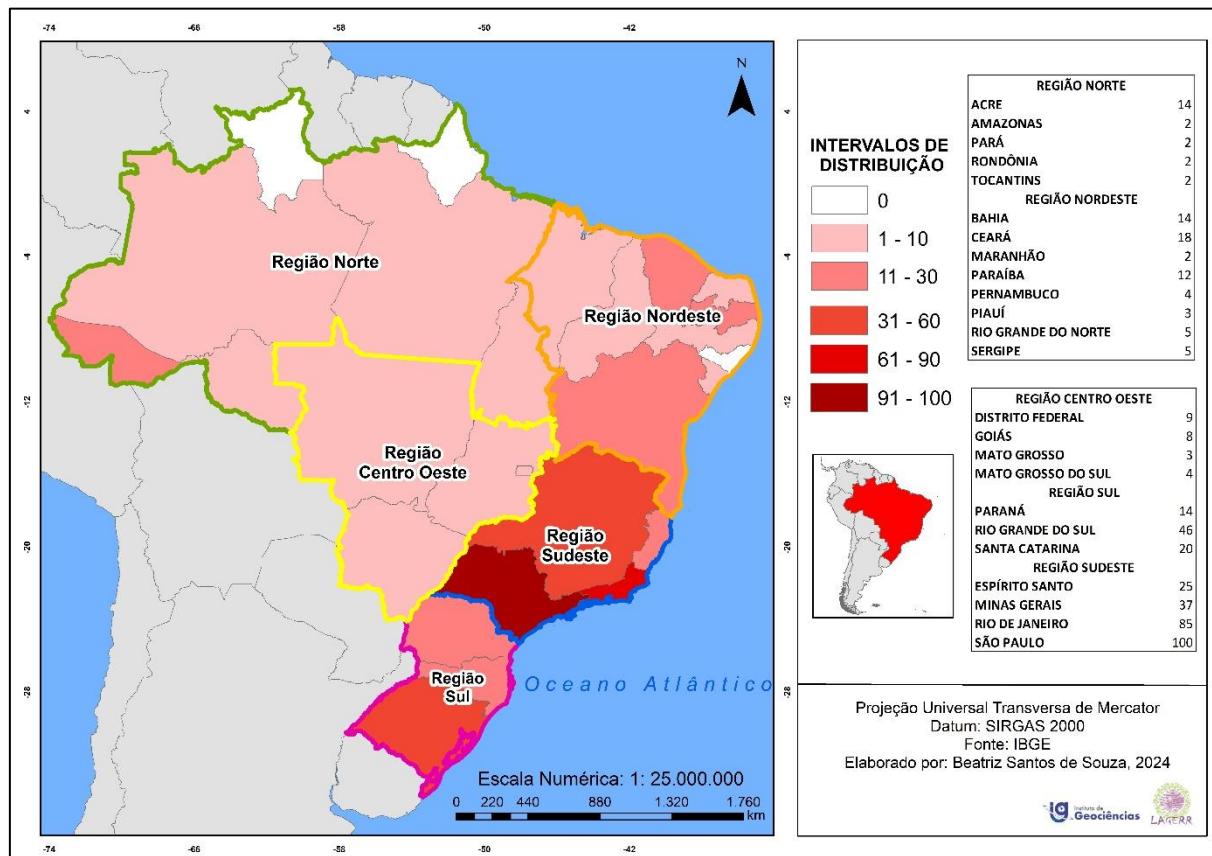
Distrito Federal a vigésima colocação com 2.817.381 habitantes. Além de Goiás, o próprio Mato Grosso também apresenta uma quantidade maior de habitantes ocupando a décima sexta colocação com 3.658.649 habitantes. Da região, o estado com menor índice é o Mato Grosso do Sul na vigésima primeira colocação com 2.757.013 habitantes (IBGE, 2022).

No caso da Região Norte, apesar do número maior de estados em comparação ao Centro Oeste, a quantidade de grupos é menor além do fato de dois estados – Amapá e Roraima – não terem grupos de slam listados. Entretanto, o Acre contabiliza 14 grupos, a mesma quantidade de grupos no Paraná e na Bahia e supera até mesmo os valores do Distrito Federal e de Goiás. Sendo o estado que concentra o circuito de slam na Região Norte. Porém, quando vamos aos dados populacionais do Acre, o estado ocupa a vigésima quinta colocação com 830.018 habitantes, caso curioso pois o estado do Amazonas ocupa a décima quarta colocação com 3.941.613 habitantes, porém com apenas dois grupos de slam contabilizados.

Apesar do valor significativo, os valores do Acre não retiram a Região Norte da última posição entre as demais regiões. Somando os grupos listados nos estados: Amazonas, Pará, Tocantins e Rondônia (oito no total), a somatória dá a quantidade de grupos existentes somente no estado de Goiás. E se somarmos a quantidade listada para o Norte inteiro (22 no total), o valor fica próxima à quantidade de grupos listado somente no Espírito Santo.

Com exceção das regiões Sudeste e alguns casos do Nordeste e Sul, percebemos que a concentração de grupos de slam nas regiões Centro Oeste e Norte não acompanham as concentrações populacionais registradas pelo Censo 2022.

Figura 2 - Grupos de Slams ativos e inativos no Brasil por estados- 2024



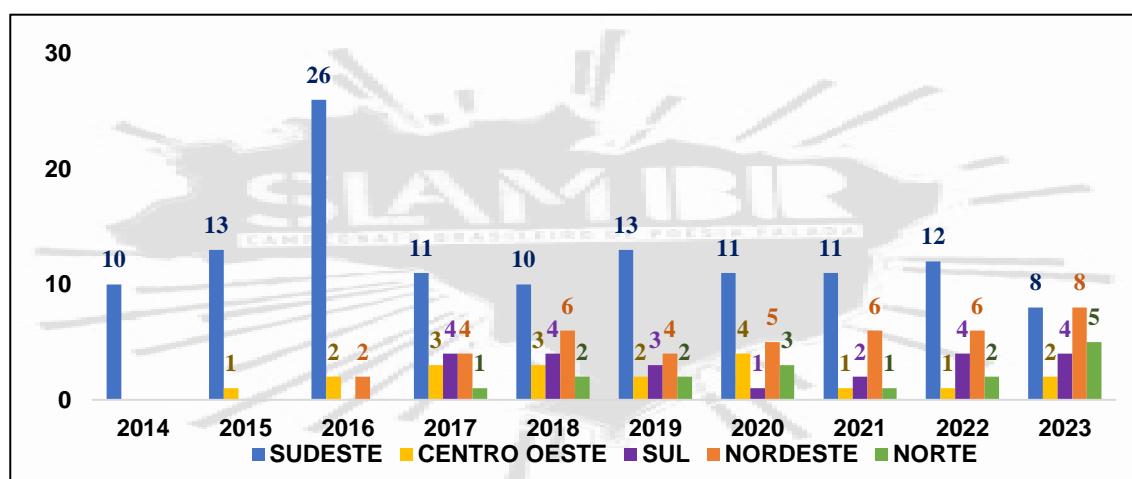
Elaboração: Souza, 2024.

O slam aproximou as comunidades populares da poesia, permitindo o reconhecimento poético em seus discursos. As figuras anteriores nos mostraram que o país, em sua quase totalidade, abraçou o slam, fazendo-se um movimento poético de possibilidades pois:

[...] oferece espaço para performances verbi-voco-corporais contestatórias que contribuem para a reconfiguração da experiência literária do presente. Vozes individuais singulares e, ao mesmo tempo, coletivas se projetam, colocando em circulação **escritas do Outro e do nós-Outros** que passam a ocupar o lugardas tradicionais escritas do **Eu**, de um **Eu** branco, masculino e heterossexual (Pimentel, 2023, p. 173, destaques no original).

O movimento se expandiu a um ponto que começaram a realizar campeonatos onde os poetas de diferentes grupos passaram a competir. Quando apenas o estado de São Paulo possuía grupos, ocorria o Slam SP para consagrar o melhor slammer do estado. Alcalde (2024) comenta que a partir de 2014 os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais começaram a enviar seus slammers campeões para competir. Foi a partir desse momento que o Slam SP se transformou no Slam BR, o atual campeonato nacional de slam. A figura 3 nos mostra a participação das regiões brasileiras no Slam de BR entre os anos de 2014 até 2023:

Figura 3 - Participação das regiões brasileiras no Slam BR – 2014 a 2022



Fonte: ALCALDE, 2024. Adaptação: Souza, 2024.

A figura 3 nos mostra que a Região Sudeste segue predominante no campeonato nacional, mesmo com a entrada das demais regiões. Apenas em 2015 a Região Centro Oeste envia seus representantes; a Região Nordeste a partir de 2016 e as Regiões Sul e Norte apenas em 2017 passam a também enviar seus slammers representantes.

Diferente do que vimos nas figuras 1 e 2, a Região Nordeste (terceira maior região com grupos de slam) se comparada à Região Sul (segunda maior), com exceção dos anos de 2016 e 2017, sempre enviou mais representantes. O Sul foi a região que mais apresentou uma oscilação no número de representantes, enquanto o Centro Oeste e o Norte seguiram uma linearidade. Para entendermos melhor, vejamos agora os valores em cada ano. A tabela 1 nos mostra a quantidade de representantes por estados de 2014 a 2023.

Tabela 1 - Quantitativo de representantes por estado no Slam BR – 2014 a 2023

REGIÕES/ESTADOS	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
SUDESTE	São Paulo	7	10	18	5	4	6	5	4	2
	Rio de Janeiro	2	2	4	2	2	2	3	2	1
	Minas Gerais	1	1	4	3	3	4	2	5	2
	Espírito Santo	-	-	-	1	1	1	1	2	2
CENTRO OESTE	Distrito Federal	-	1	2	1	1	1	2	1	1
	Mato Grosso	-	-	-	1	1	1	1	-	-

	Mato Grosso do Sul	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-
	Goiás	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
NORDESTE	Bahia	-	-	2	2	1	-	-	-	1	1
	Ceará	-	-	-	1	1	1	1	2	1	1
	Maranhão	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1
	Paraíba	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1
	Pernambuco	-	-	-	1	1	1	1	1	-	1
	Piauí	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Rio Grande do Norte	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1
	Sergipe	-	-	-	-	1	-	1	-	1	1
	Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORTE	Acre	-	-	-	-	1	1	1	-	1	1
	Amazonas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Pará	-	-	-	1	1	1	1	1	1	1
	Rondônia	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	Tocantins	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Amapá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUL	Roraima	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Paraná	-	-	-	1	1	-	1	-	1	1
	Santa Catarina	-	-	-	1	1	1	-	-	1	1
	Rio Grande do Sul	-	-	-	2	2	2	-	2	2	2
	TOTAL	10	14	30	23	25	24	24	21	25	26

Fonte: ALCALDE, 2024. Adaptação: Souza, 2024.

Assim como fez com os grupos de slam no Brasil, Alcalde (2024) também lista todos os representantes que competiram no Slam BR de 2014 a 2022, isso nos permitiu organizar e contabilizar quantos representantes foram enviados por estado. No caso dos dados do Slam BR de 2023 recorremos ao perfil do campeonato na rede social *Instagram*⁴ para coletar as informações.

Como dito anteriormente, o ano de 2014 foi o período no qual outros estados, além de São Paulo, começaram a enviar seus representantes. Nesse caso, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O cenário de 2014 continha apenas a Região Sudeste no campeonato. É a partir de 2015 que o cenário muda com a inclusão da Região Centro Oeste, com o representante do Distrito Federal. O Sudeste permaneceu com São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 2016 temos a entrada da Região Nordeste com dois representantes da Bahia, e o restante do cenário segue o mesmo padrão de 2015. Um outro ponto evidente nos três anos é o número expressivo de representantes do estado de São Paulo.

A partir de 2017 todas as regiões do Brasil possuíam representantes para o Slam BR. O estado de São Paulo ainda segue com o maior número de representantes. É a partir desse ano que as regiões Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e Norte (Pará) passam a fazer parte do campeonato. O Sudeste, assim como o Sul, passa a ter todos os seus estados participando com a entrada do Espírito Santo; o Nordeste cresce com a chegada de representantes do Ceará e de Pernambuco e o Centro Oeste tem a entrada do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.

Em 2018 o Slam BR segue crescendo com a entrada dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe da Região Nordeste e o Acre da Região Norte. Em 2019 os estados do Mato Grosso do Sul (Centro Oeste), Paraná (Sul) e Sergipe (Nordeste) não enviam representantes. Conforme figura 3 percebemos que a Região Sudeste, desde a primeira edição em 2014, segue com a maior quantidade

⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/slam_br/. Acesso em: 04 nov. 2024.

de representantes, enquanto as demais regiões mantêm um equilíbrio variando entre um a dois representantes por estado.

Devido à pandemia de COVID-19, as edições do Slam BR de 2020 e 2021 ocorreram no formato online. No caso de 2020, Mato Grosso do Sul (Centro Oeste), Paraná (Sul) e Sergipe (Nordeste) voltam a enviar representantes. Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Sul) não possuíram representantes. Também foi nessa edição que tivemos a entrada do estado de Rondônia (Norte). Comparado aos anos anteriores, os números de representantes sofrem uma leve queda, o que nos faz pensar sobre o acesso à aparelhos tecnológicos e a internet, fragilidade muito exposta durante a pandemia. A edição de 2021 espelha isso ao observarmos que do Sudeste não houveram representantes do Espírito Santo; do Centro Oeste, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não participaram; no Sul o Paraná novamente não possui representantes e no Norte apenas o Pará representou a região. Apenas a região Nordeste permaneceu com a mesma quantidade de estados da edição anterior.

Em 2022 temos o retorno do Slam BR presencial juntamente do retorno de alguns estados: Espírito Santo (Sudeste); Santa Catarina e Paraná (Sul) e o Acre (Norte). Centro Oeste permaneceu apenas com o Distrito Federal e o Nordeste teve a inclusão do Maranhão. Na última edição de 2023 tivemos a entrada de representantes de Goiás (Região Centro Oeste), Piauí (Região Nordeste), Amazonas e Tocantins (Região Norte). Também tivemos o retorno de representantes de Pernambuco (Região Nordeste) e Rondônia (Região Norte). O que se pode concluir a partir da leitura da tabela é o avanço do slam no Brasil e a permanência do Sudeste na concentração do circuito, principalmente via São Paulo e Rio de Janeiro.

Apesar de toda essa abertura, até 2015, ainda se tinha o predomínio masculino nas batalhas. Pimentel (2023) comenta que nesse mesmo ano, durante a segunda edição do Slam BR, metade dos slammers participantes eram homens. Alcalde (2024) também lista os campeões e vice-campeões das edições do Slam BR organizado no quadro 1.

Quadro 1 – Campões/Campeãs e Vices do Slam BR – 2014 a 2023

Ano	Campeão/Campeã	Vices
2014	João Paiva (MG)	Luiza Romão (SP)
2015	Lucas Afonso (SP)	Daniel Marques (SP)
2016	Luz Ribeiro (SP)	Fabiana Lima (BA)
2017	Bell Puã (PE)	Kimani (SP)
2018	Piê Poeta (MG)	King (SP)
2019	Kimani (SP)	Kenyt (SP)
2020	Jéssica Campos (SP)	King (SP)
2021	Anna Moura (DF)	Liz Silva (PA)
2022	OCotta (RJ)	Matriarcak (SP)
2023	King Abraba (SP)	Jéssica Preta (PE) e Iyalê (RN)

Fonte: ALCALDE, 2024. Adaptação: Souza, 2024.

Brevemente, o que se pode perceber a partir do quadro 1 é o predomínio de campões e vices de São Paulo. Até o ano de 2015 somente uma mulher chegou ao pódio como vice. Esse cenário com predominância masculina estimulou o surgimento de grupos de slam com recorte de gênero.

É a partir de 2015, após a criação do primeiro Slam das Minas em Brasília, que a cena do slam brasileiro muda e as mulheres se colocam em destaque, inserindo “[...] novos corpos que trazem as marcas da alteridade e contestam as prerrogativas absolutas dos tradicionais perfis dominantes” (Pimentel, 2023, p. 176). Foi justamente de 2016 em diante que a presença de mulheres aumentou nos campeonatos, inclusive nos pódios finais. Exemplo disso foi a própria final do Slam BR de 2023 que contou com um número maior de finalistas femininas: King Abraba (SP), Jéssica Preta (PE), Iyalê (RN), Mikaa (RS), Apenas 1 André (MG) e Kaya (SP). Vencedora do Slam BR, King Abraba representou o Brasil em 2024 no Abya Yala – Copa América de Poetry Slam e se consagrou como vice campeã do campeonato.

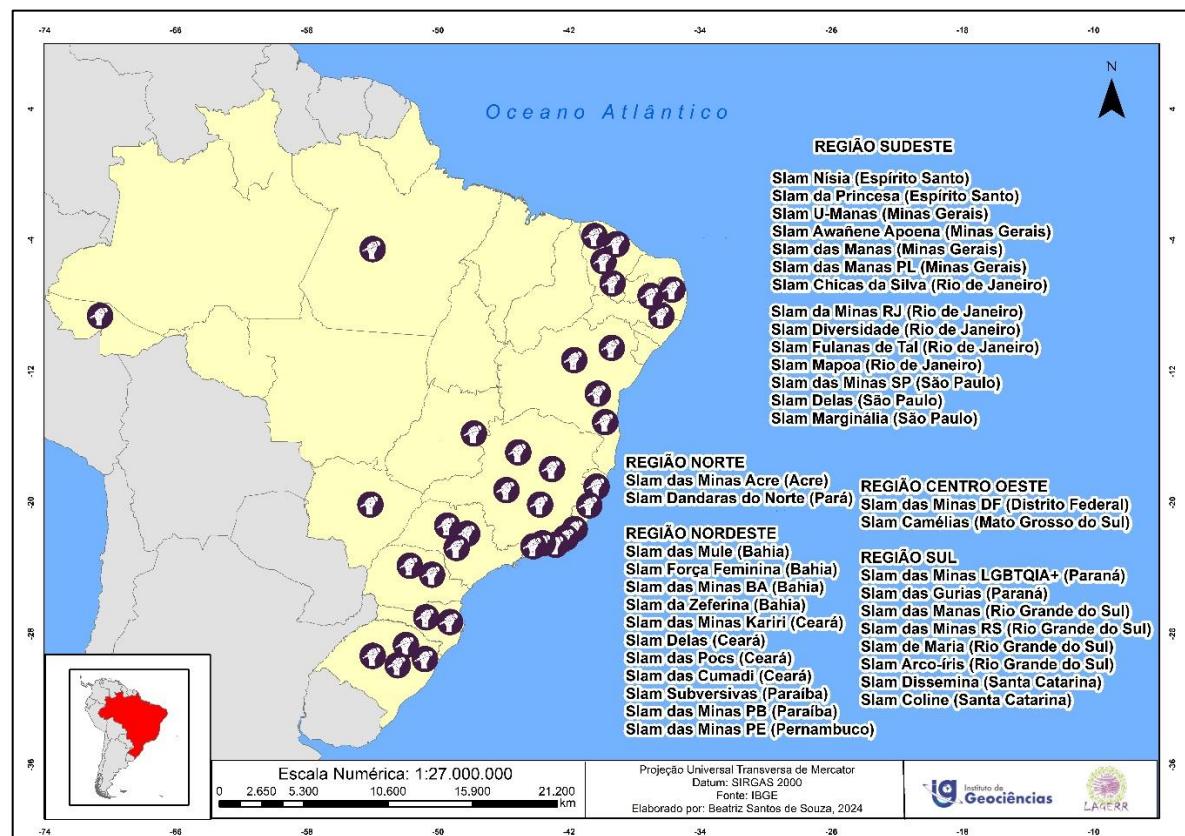
Desde 2015 os grupos de slam com recorte de gênero foram crescendo, entre a extensa lista de Alcalde (2024) situamos alguns deles na figura 4. Além do recorte de gênero, grupos de slam pensados para a comunidade LGBTQIAPN+ também foram criados como por exemplo o Slam das Pocs no Ceará, o Slam Mapoa no Rio de Janeiro, o Slam Marginália em São Paulo e o Slam das Minas LGBTQIA+ no

Paraná. O slam das Minas DF (criado em 2015) e o Slam das Minas SP (criado em 2016) foram os dois primeiros grupos com recorte de gênero no país. A partir da figura 4 percebemos que os grupos estão concentrados nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, mas Centro Oeste e Norte também possuem grupos com esse recorte, mesmo em número reduzido.

Trazendo novamente os dados do Censo 2022, as três regiões que apresentam o maior quantitativo de grupos com recorte de gênero são as mesmas que apresentaram as maiores porcentagens de mulheres em sua população, a saber: Sudeste com 51,84%, Nordeste com 51,67% e Sul com 51,28% (IBGE, 2022). Seguindo a mesma lógica, as duas regiões com a menor quantidade de grupos apresentaram as menores porcentagens de mulheres em seus habitantes: Centro Oeste com 50,84% e Norte com 50,08%. Mesmo assim, o que visualizamos em todos as regiões é o maior índice de mulheres em sua população e a nível de Brasil o mesmo se repete: 51,48% de mulheres e 48,52% de homens (IBGE, 2022).

Ao interseccional os dados, no Brasil, de um total de 10,17% de pessoas autodeclaradas negras no Censo, 4,99% são mulheres e 5,18% são homens. Podemos considerar um valor pequeno, contudo, se compararmos com o Censo de 2010, tivemos um aumento de pessoas autodeclaradas negras: total de 7,61% com 3,95 de homens autodeclarados negros e 3,67% de mulheres autodeclaradas negras (IBGE, 2012; 2022).

Figura 4 – Slams de Gênero e Sexualidade ativos e inativos no Brasil



Elaboração: Souza, 2024.

A partir do seu atual protagonismo, as mulheres negras dentro do slam, realizam para além de performances poéticas um ato de revolução urbana. Como apontamos anteriormente, a cidade pode ser um ambiente hostil para elas. As slammers transformam a tripla opressão vivenciada em lirismo performado no qual as poesias [...] questionam principalmente as formas de violência presentes na sociedade e buscam demonstrar como essas violências atravessam e constituem parte das vivências dessas mulheres” (De Sá, 2021, p. 06).

As batalhas de slam são espaços nos quais as mulheres negras encontram segurança para expressar quaisquer experiências e temas. Além de ser uma espécie de resposta àqueles que persistem em situá-las no contexto da sexualização de seus corpos ou do trabalho doméstico. Os que persistem em mantê-las na subalternidade. Não há o intuito de agradar e sim de pôr para fora o que por anos esteve enclausurado diante de um público (fixo ou transitório) em meio a cidade, sendo “[...] uma atuação política performática de corpos que se lançam nos espaços públicos chamando a atenção para si e para as questões que os atravessam” (De Sá, 2021, p. 16). São corpos subalternos desafiando a cidade:

A inscrição desses corpos nos espaços públicos representa a luta pela quebra de um determinismo que define o lugar que esses corpos deveriam estar. Eles buscam um lugar e através da voz e da performance poética dizem: eu sou, eu estou aqui e quero ficar (De Sá, 2023, p. 16).

O slam no Brasil, que teve seu início em São Paulo, ganhou proporção nacional. Todas as regiões possuem grupos que via poesia performam seus sentimentos. Praças, estações de metrô, centros culturais, bares, escolas, ruas e outros lugares da cidade se transformam em palco para uma oralitura urbana de expressões subalternizadas. Fenômeno esse que para as mulheres negras não é tido como um luxo, e sim uma necessidade.

O SLAM NÃO É UM LUXO: ORALITURAS FEMININAS NEGRAS NA CIDADE

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. [...] Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2019, p. 45-47).

Escritora, poeta, filósofa e ativista dos direitos civis das mulheres (principalmente mulheres negras e lésbicas), Audre Lorde, no trecho retirado de seu texto “A poesia não é um luxo” que compõe o livro “Irmã Outsider” (Lorde, 2019), consegue de maneira direta tratar do forte significado da poesia para as mulheres negras. A poesia de slam, enquanto essa oralitura urbana subalterna que estamos pensando desde o início, pode reverberar essa necessidade vital e esse caminho de liberdade explicitado por Lorde (2019).

Ainda no referido texto, Lorde (2019) explica que cada mulher carrega dentro de si um lugar sombrio onde reside o verdadeiro espírito. Se inverte a ideia de sombrio enquanto algo negativo. Ela ainda prossegue afirmando que:

Esse nosso lugar interior de possibilidades é escuro porque [é] antigo e oculto; sobreviveu e se fortaleceu com essa escuridão. Dentro desse local profundo, cada uma de nós mantém uma reserva incrível de criatividade e de poder, de emoções e de sentimentos que ainda não foram examinados e registrados. O lugar de poder da mulher dentro de cada uma de nós não é claro nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo (Lorde, 2019, p. 44-45).

Esse interior de possibilidades que sobreviveu em cada mulher, nos leva a pensar as palavras de Jota Mombaça (2021) em seu texto “Cartas às que vivem e vibram apesar do Brasil”, no momento em que ela convoca a todas para que permaneçam vivendo apesar de tudo:

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam uma nas outras e manifestam, com dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda (Mombaça, 2021, p. 14).

Interior de possibilidades, permanecer apesar de, cartografia das brechas, existências manifestas umas nas outras, elementos que podemos atrelar ao movimento de slams realizados por mulheres. O slam não é um luxo, mas um lugar possibilidades que garante a expressão de todas em um cenário urbano que revela hostilidade. Performar pode ser um ato de viver apesar de. A experiência na batalha do Slam das Minas SP permitiu essa reflexão.

Criado em 2016, sendo o primeiro slam com recorte de gênero da cidade de São Paulo, o Slam das Minas SP é um grupo formado pelas slammers: Apêagá, Pam Araujo, Carolina Peixoto e Ibu Helena. Além da performance poética, o grupo promove a equidade de gênero, empreendedorismo cultural, consciência social e a valorização artística.

O Slam das Minas SP alcançou um status de reconhecimento nacional que as fez expandir os lugares de atuação, indo além do perímetro da cidade de São Paulo. Realizam de *pockets shows*, minicursos e oficinas. Não apenas fomentando a poesia, o grupo também já foi inspiração para a criação de outros slams nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, entre outros. É nesse ir e vir que o Slam das Minas SP vai tecendo suas inscrições na cidade e mostrando a outras mulheres (cis ou trans), travestis e pessoas não binários que a poesia de slam é um caminho de reivindicação.

Nossa experiência aconteceu durante a seletiva para a escolha da representante do Slam das Minas SP, para o campeonato estadual de slam de São Paulo. A batalha foi realizada no dia 23 de agosto de 2024, na cidade de São Paulo no Casinha do Centro – República.

Das quatro slammers anunciadas, apenas três batalharam: Ingrid Martins, Bárbara Aquino e Helô. Infelizmente Naiá Curumim não pôde estar presente. Quando se decide assistir a uma batalha de slam é necessário experienciar tanto o pré como o pós batalha. Além da performance, o momento envolve trocas e interações entre todos os presentes. Antes mesmo de adentrar o Casinha do Centro já foi possível sentir a energia do momento:

De longe, na porta do Casinha do Centro (bar onde aconteceu a batalha), já avistei três das quatro integrantes do Slam das Minas SP: Poliana, Pam e Helena. Carol chegou minutos depois. Era de fato uma casinha, com fachada amarela. A varanda tinha tocos de madeira, alguns bancos e mesa para sentarmos. Em uma janela ao lado, dava pra ver o bar e os drinks sendo feitos. A ventania estava tão forte, mas o lugar dava uma certa proteção. Ainda tinham cômodos mais para dentro, mas só fiquei na varanda onde aconteceu a batalha. A casa lotou (não haviam só mulheres cis). O slam atrai uma multiplicidade de corpos. Na caixa de som só tocavam músicas de mulheres (em sua pluralidade) (Autores, 2024, s.p.).

Havia toda uma ambiência para receber a plateia e as poetas. As slammers do Slam das Minas SP interagiam com todos que chegavam e aos poucos íamos vendo o Casinha do Centro se tornar pequeno para a quantidade de pessoas presentes. Nem mesmo a ventania pré chuva, que estava intensa, afetou o momento.

Nas batalhas de slam, antes da batalha propriamente dita, existe o microfone aberto. Esse é o momento destinado para que qualquer pessoa, poeta ou não, se expresse. Às vezes, pessoas interessadas em adentrar no slam, fazerem uso do microfone aberto para treinar já que não há júri e nem notas. Nesse dia, o microfone aberto foi recheado de temas. Também nos ensinaram o grito do Slam das Minas SP:

[...] fomos ensinados sobre a chamada do Slam das Minas SP antes de qualquer poeta declamar. A slammafter grita “Slam das Minas, Monas...” E completamos com “MONSTRES!!!”. Só mulheres podem declamar e ser juradas nesse slam, mas os homens são bem vindos para assistir. Várias mulheres declamaram no microfone aberto, temas como negritude, resistência, amor, violência, periferia e até divulgação eleitoral (Autores, 2024, s.p.).

Os grupos de slams com recorte de gênero possuem essa particularidade: apenas mulheres (cis e/ou trans), travestis e pessoas não binários podem batalhar e ser juradas. Não há restrição para que homens assistam. Diante de todo esse momento, voluntariar-se para compor o júri não era uma opção, mas uma oportunidade única de experienciar o máximo do slam. Naquele momento o microfone foi fechado e a batalha iria começar:

Rolou a poesia de calibragem para testarmos nossa capacidade de dar as notas e sentir como seriam os próximos momentos. Estábamos prontas. Foram duas rodadas onde as três declamaram. Dávamos a nota e qualquer valor abaixo de 10,00 gritavam “Credo!!” Caso contrário, era “wow!!” Poliana estava no computador preenchendo a planilha de notas. Nas rodadas tiveram temas como: pertencer e não pertencer; violência policial; autoestima negra; periferia; abusos; distâncias; desloca-se do lugar. No fim o pódio ficou: Bárbara Aquino (campeã e representante do Slam das Minas SP no campeonato estadual), Ingrid Martins e Helô (Autores, 2024, s.p.).

Vimos o quanto o slam é interação público-poeta-júri. Apesar de ser uma batalha onde sairia uma vencedora, em nenhum momento a energia competitiva dominou. Todas performaram suas poesias, se expressaram levando diversos temas além da condição enquanto mulheres negras. A dedicação em

entregar uma poesia potente, que tocasse o júri e a plateia foi realizada. As poetas olhavam fixamente para nós do júri, mas não como intimidação, e sim uma troca energética na qual a mensagem da poesia era transmitida.

Toda essa oralitura carregada de tradição oral na qual a subalternidade se faz narrativa estava acontecendo diante de nós. Mulheres negras performaram poesias que iam do amor a sua negritude ao grito pelo direito de perecerem vivas. Entre os vários sentimentos percebidos ao longo da batalha, a raiva foi uma das mais presentes. Quando falamos de raiva, estamos pensando juntamente ao pensamento de Audre Lorde (2019) no texto “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”:

[...] a raiva expressa e traduzida em uma ação a favor de nossos ideais e nosso futuro é um ato de esclarecimento que liberta e dá força, pois é nesse processo doloroso de tradução que identificamos quem são nossos aliados com quem temos sérias diferenças e quem são nossos verdadeiros inimigos. A raiva é repleta de informação e energia (Lorde, 2019, p. 161-162).

Aprendemos a usar a raiva como aprendemos a usar a carne morta dos animais, e mesmo feridas, abusadas e em constante mudança, nós sobrevivemos e crescemos [...] (Lorde, 2019, p. 170).

Liberdade, força, energia que leva a crescer, foi assim que sentimos a raiva ecoar pela performance das poetas. Uma resposta à posição subalternizada. É uma desobediência de gênero no meio de um longo processo de violências sofridas, pois “A violência cria marcas, implica vidas, ela não é nunca um evento simples, é sempre complexa, multidimensional, e por isso requer cuidado” (Mombaça, 2021, p. 81).

Mombaça (2021) comenta que para aprender a se defender é preciso perceber sua própria fragilidade e diante das slammers performando sobre dores, raivas, medos, amores e alegrias, pudemos sentir que elas sabiam de suas fragilidades e que a poesia acabara sendo um caminho de autodefesa. Estando ali, rodeadas por outras semelhantes, era seguro expor-se. Isso relaciona-se muito bem com o que Mombaça (2021, p. 80) afirma sobre a autodefesa nem sempre resumir-se em bater de volta:

[...], mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas. É sobre furar o medo e lidar com a condição incontornável de não ter paz como opção.

Ao final da batalha estávamos anestesiadas e felizes por fazer parte desse momento e ter escolhido a representante do Slam das Minas SP. Todas eram potência para representar o grupo. A música voltou a tocar, todos levantaram-se dos bancos para aproveitar os demais espaços do Casinha do Centro. Ingrid Martins divulgava suas músicas para todos, Bárbara Aquino partilhava sua felicidade em representar um grupo de slam no estadual e Helô com seus 14 anos, vinda de um slam interescolar, mostrou-se uma promessa para as próximas edições de slam. O karaokê pós batalha ia começar, as poetas estavam sendo abraçadas e parabenizadas pela competição linda e forte que havia acontecido.

O que se percebeu ao antes, durante e depois da batalha foi como os diferentes corpos presentes não somente transformaram o espaço do Casinha do Centro como também foram espaço. As performances foram espacialidades corporificadas. Cada poeta partilhou sua geografia íntima (Johnston; Longhurst, 2023). Gestos, tom de voz, olhares e até os silêncios entre um verso e outro revelaram experiências pessoais, mas que ecoaram em outras. São escrevências.

CONCLUSÃO – MICROFONE FECHADO

Ao adentrar no Brasil, o slam de poesia se apropria de elementos singulares: grupos com nomes relacionados aos lugares de origem ou ao público-alvo; adaptação do tempo de performance e das notas; o uso da oralidade como meio de transmissão de saber poético e heranças e uma representação da arte periférica. O slam brasileiro pode ser compreendido como um ato de resistência de múltiplas subalternidades: mulheres, LGBTQUIAPN+, indígenas, negros, entre outros.

O projeto eurocêntrico deixou cicatrizes coloniais nos diferentes corpos subalternizados. A colonialidade emerge como tentativa de apagamento de todo um repertório negro que envolve musicalidades, estilos e corporeidades (Pinto; Oliveira, 2023). Esse repertório, entretanto, permaneceu vivo por meio da oralidade. O slam, como o que presenciamos, exemplificou como a oralidade pode ser um elemento potente de resistência e de como os corpos, sendo espaços íntimos, reverberaram poeticamente questões particulares e coletivas envolvendo a experiência de mulheres negras.

O slam é apropriado pelas mulheres negras como mais uma possibilidade de reivindicação de sua própria existência. Sendo a cidade, um ambiente que não tolera a presença de mulheres, em especial a de mulheres negras, realizar um ato performático na cidade e expressar sua raiva diante das violências vividas é um ato-resposta.

Pensar o slam no debate espacial é compreender que o slam existe onde essas corporeidades estão. Pois seus corpos são espaços, lugares íntimos que carregam vivências e heranças. Para acontecer não precisa de um ambiente específico para acontecer, pois ele acontece onde as corporeidades dos poetas estão. O slam é composto pelas corporeidades diversas que nele performam, seja uma estação de metrô, praça, bar ou rua, esses ambientes só serão espaços de slam no momento em que essas corporeidades se fazerem presente. O slam, nas suas entrelinhas, pode ser entendido como algo além da batalha em si. É abertura e coletividade como enfatiza Alcalde (2024, p. 91)

O slam pode ser apresentado solo ou em grupo, mas sempre será uma arte coletiva. Pois se trata de uma voz e a voz ecoa uma multidão e é essa multidão que devemos honrar. Se a competição ficar em primeiro lugar sempre iremos perder porque já saímos atrás e divididos. [...] Só vencemos porque houve pessoas que vieram antes e abriram caminhos, muita gente lutou, morreu para que pudéssemos falar livremente.

No caso das mulheres negras, poder performar livremente pela cidade é um direito conquistado por tantas outras que vieram anteriormente, como também é a garantia para as tantas outras que virão. A abertura que o slam propicia não se limita ao microfone, ela contempla as múltiplas oralidades subalternizadas que encontram na poesia um caminho para ecoar-se.

REFERÊNCIAS

- ALCALDE, E. **Nos corre da poesia**: autobiografia de um slammer. São Paulo: Ed. do Autor, 2022
- ALCALDE, E. **O que é slam de poesia**. São Paulo: FALA: Autonomia Literária, 2024.
- ANJOS, R. S. A. A geografia afrobrasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 104, p. 23–60, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2137>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 21 out. 2024.
- AUTORES. **Diário de Campo**. 2024.
- BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- D'ALVA, R. E. Nossas histórias contadas por nós. In: ALCALDE, E. **Nos corre da poesia**: autobiografia de um slammer. São Paulo: Ed. do Autor, 2022. p. 5-7
- DE SÁ, T. C. Revolução através da palavra: reflexões acerca do uso da literatura e da oralidade como expressão social e atuação política no slam das minas - RJ. **Revista Giz Gesto Imagem e Som**, v. 06, n. 01, p. 01-19, jun. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175918>.
- FENSTER, T. Gender and the City: the different formations of belonging. In: NELSON, Lise; NELSON, Lise (ed.). A Companion to Feminist Geography. S.L.:Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 242-256.
- FREITAS, D. S. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 59, p. 1–15, 2020. <https://doi.org/10.1590/2316-40185915>.
- GARCIA, A. d. S. Mulher negra e o direito à cidade: relações raciais e degênero. In: SANTOS, R. E. (org.). Questões urbanas e racismo. Brasília: ABPN, 2012. p. 135-163.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A.M. et.al **Ciências Sociais Hoje**, n. 2, p. 223-244, 1984.
- IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249230>. Acesso em: 03 nov. 2024
- IBGE. **Panorama do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 03 nov. 2024.

- JOHNSTON, L.; LONGHURST, R. A geografia mais íntima: o corpo. In: SIVA. J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org) **Corpos e Geografia**: expressões de espaços encarnados. Ponta Grossa: Todapalavras, 2023. p. 41-66.
- KERN, L. **Cidade Feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado porhomens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- LEITE, A. E. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. **Revista Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, p. 1–20, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2446-76931p1-20>.
- LORDE, A. A poesia não é um luxo. In: LORDE, A. **Irmã Outsider**. Be: Autêntica, 2019. p. 44-48.
- LORDE, A. Os usos da raiva: as mulheres negras reagem ao racismo. In: LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 157-171.
- MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 22 out. 2024
- MOMBAÇA, J. Cartas às que vivem e vibram apesar do Brasil. In: MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 13-20.
- MOMBAÇA, J. O mundo é meu trauma. In: MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 27-34.
- MOMBAÇA, J. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. In: MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 63-84.
- NASCIMENTO, M. B. A mulher negra no mercado de trabalho. **Jornal Última Hora** Rio de Janeiro, 25 jul. 1976. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- PAULA JUNIOR, A. F. Filosofia da oralidade: contribuições da tradição oral para filosofia africana e afrodiáspórica. **Ítaca**, n. 36, p. 321-358, 2020. <https://doi.org/10.59488/itaca.v0i36.31988>.
- PEREIRA, M. M. d. S. O que fazemos com a subalternidade? In: OLIVEIRA, M. P.; PEREIRA, M. M. d. S. (org.). **Subalternidades em perspectiva**: limites, ausências e devires. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 39-58.
- PERRY, K. Y. Espaço urbano e memória coletiva: o conhecimento de mulheres negras em lutas políticas. In: SANTOS, R. E. (org.). Questões urbanas e racismo. Brasília: ABPN, 2012. p. 165-215.
- PIMENTEL, A. Mudas falas mudam as falas na cena poetry slam: a poesia falada brasileira tem cor e gênero. **Terceira Margem**, v. 27, n. 51, p. 159-180, jun. 2023. <https://doi.org/10.55702/3m.v27i51.50554>.
- PINTO, G. Â.; OLIVEIRA, D. A. de. A construção espacial do corpo: lutas, ações e enfrentamentos. In: SIVA. J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org) **Corpos e Geografia**: expressões de espaços encarnados. Ponta Grossa: Todapalavras, 2023. p. 277-307
- PRESTON, V.; USTUNDAG, E. Feminist Geographies of "City": multiple voices, multiple meanings. In: NELSON, L. (ed.). **A Companion to Feminist Geography**. S.L.: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 211-227.
- RICH, A. Notes Towards a Politics of Location. In: RICH, A. **Blood, Bread and Poetry**: Selected Prose 1979-1985. New York: W. W. Norton, 1986. p. 210-231.
- SANTOS, R. E. O movimento negro brasileiro e sua luta anti-racismo: por uma perspectiva descolonial. **YUYAYKUSUN**, n. 6, 2016. Disponível em: <https://revistas.urp.edu.pe/index.php/Yuyaykusun/article/view/257>. Acesso em: 22 out. 2024.
- SANTOS, B. L. A práxis coletiva do feminismo negro na luta pelo direito à cidade. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 351–366, 2021. <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12474>.
- SOMERS-WILLETT, S. B. A. **The cultural politics of slam poetry**: race, identity, and the performance of popular verse in America. Michigan: Ed. The University of Michigan Press, 2009.
- SOUZA, L. F.; RATTS, A. J. P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143–156, 2008. <https://doi.org/10.5216/bgg.v28i1.4907>.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.